



O QUE SE ENSINA SOBRE O TRABALHO E SOBRE O TRABALHADOR NAS PÁGINAS DE UM JORNAL

Patrícia Aparecida Machado – PPGEDU/ULBRA

Resumo: Tomando como ponto de partida um cenário de transformações profundas e de ressignificações do mundo trabalho e do perfil de trabalhador na atualidade, focalizo, neste artigo, o caráter pedagógico da mídia impressa e analiso o que se pode aprender sobre trabalho e sobre o perfil desejável de trabalhador no caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora. Selecionei, para este estudo, seis edições atuais do referido jornal e, na análise, ocupo-me de três questões principais: a primeira diz respeito ao modo como se reconfiguram as relações de trabalho na atualidade; a segunda examina algumas estratégias pedagógicas postas em ação no caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora e, por fim, a terceira coloca em foco o perfil de trabalhador que se destaca nas reportagens, marcado fortemente por atributos como a agilidade e a flexibilidade.

Palavras-chave: Trabalho, educação, transformações, flexibilidade, Modernidade líquida.

No mundo da micrométrica do tempo, da rotinização, da padronização de produtos, da busca por aquisição de bens, das relações de longo prazo se produzia – e fazia sentido - um efeito de previsibilidade do futuro dentro do cenário de trabalho. Assim, o trabalhador produzia, sobre si mesmo, uma narrativa de vida vinculada à determinada ocupação e empresa. Neste cenário de relações duradouras, constituía-se um modo de ser trabalhador fortemente vinculado a um lugar e uma função. No entanto, os tempos mudaram e os imperativos, na atualidade, também são outros: velocidade, agilidade, maleabilidade, curtíssimo prazo.

As análises sociológicas feitas sobre esse nosso tempo apresentam, muitas vezes, um repertório comum no qual instabilidade, incerteza, fluidez, flexibilidade são termos recorrentes. Um mundo do trabalho marcado pela solidez das grandes estruturas, das fábricas gigantescas, da tradição consolidada com o tempo, das grandes massas de trabalhadores, dos sindicatos defendendo interesses coletivos, está sendo gradativamente dissolvido, surgindo em seu lugar a lógica empresarial flexível, circulante, leve, portátil, itinerante. Essas mudanças nas configurações do trabalho alteram significativamente as condições onde se exerce a função de trabalhador. As práticas do presente vão constituindo, desse modo, um tipo de trabalhador adequado a estes novos cenários, sempre cambiantes e voláteis.

Marca inequívoca destas novas formas que assume o trabalho e das exigências para nele se inserir e permanecer é a emergência e grande visibilidade que assume o termo empreendedorismo no contexto atual. Trata-se de um conceito polissêmico, que vem sendo utilizado em variados contextos, e está diretamente vinculado ao que se tem chamado de capitalismo flexível. O trabalhador é agora convocado a ser empreendedor – a estar em contínuo movimento, a ser flexível, a aprender a viver em uma condição de insegurança e instabilidade e, mais do que isso, a considerar a provisoriedade e a desregulamentação das relações de trabalho atuais como oportunidades que para ele se abrem.

É neste cenário de transformações profundas e de ressignificações do trabalho e do trabalhador que focalizo a discussão deste artigo. Valendo-me do campo dos Estudos Culturais, busco examinar o que se pode aprender sobre empregabilidade e sobre um perfil desejável de trabalhador em um artefato da mídia impressa. Selecionei, para este estudo, seis edições do caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora, entre maio de 2011 e janeiro de 2012. Ocupo-me de três questões principais, que correspondem às seções que se seguem neste texto: a primeira diz respeito ao modo como se reconfiguram as relações de trabalho na atualidade; a segunda examina algumas estratégias pedagógicas postas em ação no caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora e, por fim, a terceira coloca em foco o perfil de trabalhador que se destaca nas reportagens, marcado fortemente por atributos como a agilidade e a flexibilidade.

Antes, porém, de proceder ao movimento de análise, apresento alguns conceitos teóricos que me possibilitam discutir a temática do trabalho, articulando-a com educação. Coerente com o campo teórico no qual me situo – o dos Estudos Culturais em Educação – lanço mão do conceito de pedagogias culturais, a partir do qual se procede a um alargamento daquilo que se define como sendo do âmbito educacional. Steinberg e Kincheloe (2004, p. 14) afirmam, neste sentido, que as pedagogias culturais compreendem “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo bibliotecas, TV, cinema, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.”. A autora propõe que se examinem os efeitos das pedagogias culturais, concretizadas em variados espaços e artefatos, na produção das identidades, na legitimação de determinadas condutas e de certos tipos de conhecimento.

Respaldando-me no pensamento desta autora, considero importante compreender como se aprende a ser trabalhador (assumindo certo perfil tido como desejável), não

propriamente nos espaços formais de qualificação ou de formação, e sim numa rede de práticas cotidianas e de mensagens difusas. Penso que os saberes contemporâneos não circulam exclusivamente nos lugares consagrados para sua produção, transmissão, recriação. Em outras palavras, as escolas, não são os únicos locais de legitimação dos saberes e de constituição de identidades trabalhadoras; a cada dia esses saberes se dissipam mais, em uma gama de canais midiáticos e de espaços virtuais que se expandem socialmente. Não são raros os programas de TV, por exemplo, que se propõem a nos ensinar como administrar nossas finanças, a mantermos nosso emprego, a nos reciclarmos para obtermos sucesso em nossas investidas em direção a trabalhos mais bem remunerados. Também não são poucas as revistas que se especializam em temas concernentes às mais variadas profissões, buscando atender (ou valendo-se das) às expectativas e anseios de pessoas que vivem hoje sob o signo da instabilidade.

Assim, analiso o jornal como um artefato cultural, apoiada na acepção de Hall (1997) quando nos fala que podemos considerar artefato cultural tudo que é produzido socialmente, criando significados que instauram políticas de identidade. Podemos dizer que há um universo de produtos culturais que colaboram na constituição dos sujeitos e de formas de ser e estar no mundo. O referido autor afirma que a cultura adquire centralidade nas práticas e nas análises atuais. Penso que essa ideia nos permite levar em conta as práticas que se entrelaçam constituindo o que conhecemos, o que desejamos, o que pensamos, o que somos. Uma cultura do trabalho é propagada, de diferentes formas, através do rádio, dos diversos programas de televisão, da internet, da propaganda, dos jornais, das revistas, do cinema, além daqueles lugares notadamente pedagógicos – a escola, os cursos de aperfeiçoamento, os textos de especialistas.

Entendo que somos convocados continuamente, e através de variadas estratégias, a nos inserir numa ordem líquido-moderna, para utilizar a expressão cunhada por Bauman (2005). E uma forma de abordarmos essa problemática é reconhecendo que o mundo é uma grande sala de aula, ou seja, assumindo que vivemos num ambiente em que circulam ideias, mensagens, informações e saberes, e que variadas situações nos ensinam e nos constituem no dia-a-dia. Parece que as paredes das salas de aula e os muros das escolas já não separam um dentro e um fora, como se apregoava, e nestes espaços também transitam mensagens e informações de toda ordem, para além daquelas que se organizam e se disciplinam cuidadosamente pelos profissionais da educação.

Nas páginas do jornal Zero Hora – e especificamente no caderno examinado neste texto - observo que não somente se anunciam oportunidades de emprego, ou estatísticas sobre melhores setores para se buscar uma ocupação. Ali se anunciam produtos que prometem nos tornar mais adequados, mais ágeis, mais versáteis; ali somos convidados a conhecer novidades, a consumir ideias e produtos e temos acesso, virtualmente, a produtos oriundos de diversos locais do mundo e de tecnologias cada vez mais sofisticadas.

De acordo com Fischer (1997), nos materiais e textos midiáticos constituem-se não apenas discursos sobre as coisas, como também sujeitos inseridos neste mundo de imagens, de produtos e de consumo. Analisando diferentes artefatos de comunicação e informação, a autora definiu a mídia “não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicação e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (*Idem*, p.61).

Reconfigurações do trabalho num contexto líquido-moderno

As transformações na vida contemporânea e no mundo do trabalho constituem um ambiente fértil para se pensar os processos pedagógicos a partir dos quais somos, enquanto trabalhadores, convocados a nos tornarmos flexíveis, fluidos, dinâmicos e empreendedores.

As múltiplas transformações que se processam nas relações entre *trabalho* e *capital*, analisadas por Harvey (2009), Sennett (2008), Bauman (2005), Veiga-Neto e Saraiva (2009), entre outros, tem efeitos nos sentidos atribuídos ao tempo, ao espaço, ao modo de nos relacionarmos e de realizarmos nossos projetos individuais e coletivos. Inúmeras foram as mudanças na forma de viver e de pensar o trabalho desde os arranjos produtivos artesanais, nos quais um trabalhador tinha domínio do processo produtivo, passando pela ordem fordista, na qual se instaurou uma dinâmica que favorecia a especificidade e a rotinização do trabalho, chegando aos dias de hoje, em que ocorre um verdadeiro desencaixe entre o trabalhador e o espaço de trabalho.

Podemos dizer que no início do século XX constituía-se uma geração de trabalhadores que viviam, no espaço do trabalho, um tempo linear, de conquistas cumulativas, sem dramáticas variações na ocupação e nas tarefas desenvolvidas ao longo da vida. Eram tempos bem mais previsíveis e uma vez empregado, o trabalhador poderia contar com certa proteção alicerçada na ação dos sindicatos, que defendiam os interesses de uma classe, bem como

numa legislação que consolidava direitos trabalhistas e regulamentava relações entre empregador e empregado.

Associado a essa estrutura, constituía-se um perfil de trabalhador disciplinado, que persistia em um mesmo ofício, pois isso fazia sentido numa narrativa linear e cumulativa da experiência material e física. Eram tempos nos quais se estabeleciam laços fortes entre o capital e o trabalho, caracterizada pela lealdade, planejamentos de longo prazo e compromisso mútuo.

As condições de vida e de trabalho mudaram radicalmente na atualidade e o que se presencia é a dissolução de algumas destas bases sólidas e duradouras. As instituições, organizadas agora como redes, formam “laços fracos” que se concretizam no trabalho em equipe e em tarefas e pessoas com perfis mais variáveis e voláteis. Nos tempos mais recentes, parece que os jovens trabalhadores já não se vinculam aos discursos de apego ao trabalho e à organização, pelo contrário, desejam se manter abertos a mudanças, desejam a alternância, estão dispostos a correr riscos.

Nesta lógica, a lealdade institucional tornou-se uma armadilha, uma vez que tanto os conhecimentos quanto os produtos têm períodos de vida de curto prazo. O distanciamento e o cooperativismo sem amarras e lealdades passaram a constituir uma blindagem do trabalhador para melhor lidar com a atual realidade que se configura pela necessidade constante de mudar, de não se comprometer e não se sacrificar. Falar em compromissos mútuos, de longo prazo e de lealdade, na retórica empresarial contemporânea parece não mais fazer sentido, tendo em vista que as fusões, divisões, incorporações caracterizam as organizações de maior sucesso e rentabilidade e, conforme Sennett (2008, p. 32) “as empresas se dividem ou fundem, empregos surgem e desaparecem como fatos sem ligação”.

O mesmo autor salienta que os comportamentos tidos como adequados nesta ordem líquido-moderna são os que se aproximam aos de um camaleão, isto é, ser capaz de mudanças para se ajustar ao ambiente, maior adaptabilidade ao contexto e às contingências externas. Deseja-se, então, do trabalhador contemporâneo, uma refinada capacidade de montagem de si mesmo, a partir de fragmentos, episódios e experiências, mantendo-se à deriva, passando de um lugar a outro, de emprego em emprego.

O trabalhador entra em cena, como recurso, na arena de um capital circulante. E precisa, então, adaptar-se a esta nova realidade e isso implica ser flexível como os baobás que

se vergam às condições do tempo, que dançam ao sabor dos temporais, abandonando a antiga premissa de ser enraizado e forte como as grandes árvores, fixas, pouco maleáveis.

Discutindo algumas estratégias pedagógicas do caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora para a constituição de um tipo de trabalhador empregável

Retomo, neste momento, o argumento de que, mais do que informar ou entreter o leitor, os jornais colaboram na constituição de identidades e de formas de entender o trabalho na contemporaneidade.

Apresento algumas reportagens do caderno *Emprego & Oportunidade* do Jornal Zero Hora, para então discutir como elas ensinam e operam como pedagogias culturais. Início com os seguintes recortes: a) “...empresas não abrem mais mão de divulgarem na internet as vagas de programas voltados para jovens” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 16/10/2011, p.02). b) “Quando redes sociais se tornam profissionais – sites de relacionamento na internet servem como ferramenta para pessoas que buscam oportunidade no mercado de trabalho” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 10/07/2011, p.5). Examinando essas mensagens veiculadas em duas edições diferentes, observa-se que o uso de tecnologias e a inserção em redes sociais tornou-se, hoje, quase uma exigência para que o trabalhador se mantenha atualizado, e possa adquirir um emprego. A internet apresenta-se como algo de uso cotidiano e corriqueiro, tanto por parte de empregadores quanto dos profissionais, candidatos a emprego. O domínio dessa ferramenta (que implica também saber onde buscar as informações nessa rede ampla e difusa) parece ser então, definidor de um campo maior ou menor de possibilidades para o trabalhador de hoje.

Observa-se também nas referidas reportagens um teor laudatório em relação às potencialidades da internet para as empresas – que agora podem buscar em redes virtuais informações, obter dados, encontrar candidatos que possuam certo perfil, de forma mais rápida. Destaca-se, neste sentido, que. “... as redes sociais devem servir como ferramenta adicional nos processos de seleção...” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 10/06/2011, p.05).

Em outra edição, a chamada da capa diz: “Geração Y quer ser feliz agora” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 03/07/2011, p. 3). A imagem que acompanha essa reportagem mostra alguns jovens sorridentes e o texto informa que a geração Y, entre 18 e 30 anos, seria uma geração diferente das outras, que não se preocupa apenas com o

desenvolvimento profissional e salarial, mas um maior interesse em conciliar vida profissional e pessoal. Esses jovens reclamam das longas jornadas de trabalho e desejam que um possível emprego seja fonte de satisfação, além de ser rentável em um curto espaço de tempo. Essa atitude juvenil é acentuada e, de certa forma, estimulada quando a reportagem destaca: “*não existe um vínculo mais forte como em gerações anteriores. As próprias organizações não garantem mais carreiras de longo prazo*”. (Idem).

A velocidade e a urgência em se realizar tudo agora, sem perda de tempo, também se apresenta neste periódico. Um exemplo é uma das reportagens apresentadas na edição de 23/10/2011, cujo título é: “*Qualificação focada na prática – cursos técnicos ajudam a conquistar o primeiro emprego e tem alto índice de empregabilidade*”. No texto, observa-se que há uma acentuada preocupação em ensinar aos jovens que o mercado de trabalho é cada vez mais exigente e que o desejável é inserir-se nele o mais rápido possível. Além disso, destaca-se que as escolas técnicas cumprem importante papel e que “*as empresas estão ansiosas por contratar esses profissionais, e grande parte dos alunos consegue trabalho antes mesmo de se formar...*” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 23/10/2011, p.03). Portanto, neste texto se expressa uma valorização do ensino técnico como estratégia de empregabilidade, o que parece remontar um pensamento tecnicista que vigorou por longo tempo nas políticas educacionais brasileiras.

Em outra reportagem deste mesmo caderno se pode ler o seguinte: “*Direto ao ponto – diferentemente do bacharelado, que dá mais tempo para o aluno definir a área que pretende seguir, os cursos superiores de tecnologia, mais rápidos, formam profissionais para atender a setores específicos do mercado*” (ZH, *Caderno Emprego & Oportunidade*, 22/01/2012, p. 5). Aqui o apelo a uma duração mais curta na formação dos alunos é justificado numa necessidade do mercado por mão-de-obra específica para nichos em que sobra trabalho e faltam profissionais qualificados. O texto em destaque parece sugerir que os estudantes indecisos, ou que precisam de mais tempo para realizar uma escolha profissional devem fazer bacharelado, ao passo que os mais ágeis, os determinados, os espertos e atentos às demandas urgentes do mercado devem optar por cursos tecnológicos.

Para pensar este mundo cada vez mais veloz quando o assunto é o mercado de trabalho, reporto-me ao pensamento de Bauman (2010). O autor afirma que, para permanecer no mundo produtivo ou para retornar a ele (tornando-se empregável) cada um deve se locomover com a velocidade necessária para não correr o risco de ficar para trás. No mundo

volátil desses tempos líquidos é difícil estabelecer relações duradouras e planos de longo prazo e o trabalhador precisa ajustar-se a esse imperativo da velocidade. Aliada a essa ideia de contínuo movimento está a de flexibilidade – capacidade de mudança sem grandes sofrimentos. Um recorte da obra de Bauman (2010, p. 49) parece elucidativo.

Você vale tanto quanto seu último sucesso: esta é a máxima do bem viver num mundo em que as regras mudam durante a partida e não duram mais do que o tempo necessário para aprendê-las e memorizá-las. Os percentuais de sucesso obtidos com as respostas aprendidas e exercitadas em condições de rotina caem rapidamente: “flexibilidade” é a palavra de ordem do momento. A capacidade de abandonar depressa os hábitos presentes torna-se mais importante do que o aprendizado dos novos.

De acordo com o autor, é preciso aprender a viver num mundo em que as regras mudam ao longo do jogo e, sendo assim, não há tempo a perder. Flexibilidade é a palavra de ordem, avalia ele, e este atributo implica desprender-se de velhos hábitos, de velhos princípios, seguir o fluxo dos novos empregos, das novas oportunidades, dos campos que se abrem e rapidamente também esmaecem.

Cabe ressaltar, que os três aspectos destacados nas análises anteriores e considerados imprescindíveis hoje – estar inserido em redes de informação, “ser ágil, ser flexível” – não asseguram, de fato, a empregabilidade. Tais atributos não são simplesmente resultados de uma escolha pessoal ou de um estilo adotado por pessoas que desejam obter sucesso. No seletivo mundo do trabalho, com uma exponencial reserva de mercado, nem todos serão bem sucedidos. Há que se considerar o amplo conjunto de fatores que, no contexto atual, colocam em condição de desigualdade imensos contingentes humanos, mulheres e homens destituídos dos recursos para a sobrevivência, das condições adequadas de trabalho, dos meios para se tornar empregáveis.

Hall (1997) lembra que os mercados, para funcionarem, buscam apoio em outras instâncias culturais e sociais. Conforme o autor é preciso que alguém assuma os custos sociais daqueles que perderam este jogo imposto pelo mercado. Nesta lógica, se o Estado já não se responsabiliza pela qualificação adequada, ou pela seguridade do trabalhador, este é convocado a assumir os riscos e a fazer a sua parte. É o sujeito individualizado, que se torna vencedor e perdedor, e ele é responsabilizado pelo seu insucesso. Tudo isso tem grandes consequências sociais. Assim, o mercado vai regulando as condutas, criando “culturas” que atendam ou internalizem as novas demandas e necessidades, que já não são as dos contingentes humanos e sim da ampla arena do consumo e da lucratividade. Segundo Hall (1997a, p. 37) “o ponto chave, que está no centro de todo este debate, é que *não* se trata de

uma opção entre liberdade e restrição, mas entre *modos diferentes de regulação*, cada um dos quais representa uma combinação de liberdades e restrições”.

Considerações finais – traçando certo perfil de trabalhador

Discuti, até aqui, questões relativas ao trabalho e ressaltai o caráter pedagógico da mídia escrita. Busquei examinar como o jornal selecionado para análise contribui na constituição das identidades de trabalhadores e o modo como às reportagens apresentadas convocam a certas condutas tidas como desejáveis para quem deseja se inserir no mercado de trabalho nos dias de hoje. Na parte final deste artigo, busco reunir alguns argumentos que me permitem traçar um perfil (provisório) de trabalhador que se estabelecem nas reportagens destacadas para este trabalho.

Podemos dizer que o jornal, assim como outros tantos artefatos culturais, vai propiciando a consolidação de certa retórica sobre o trabalho e sobre o trabalhador. Adquire visibilidade, nas reportagens examinadas, um perfil de trabalhador veloz, versátil, responsável por si, entregue à própria sorte, em detrimento de perfis fixos, estáveis, ou vinculados por lutas comuns, por relações sindicais, por exemplo. Assim, observa-se um apelo para que o trabalhador se constitua como sujeito individualizado, e não mais como parte de uma coletividade e a força desta retórica da individualidade e da flexibilidade vai constituindo maneiras de ser e agir, vai produzindo outras representações de trabalho, de vida, de emprego, que podem mobilizar os leitores – de maneiras variáveis – para uma conduta considerada adequada.

Chama atenção, nas matérias selecionadas, a utilização de verbos como crescer, investir, inventar, conquistar, mudar, adaptar. Tais palavras expressam movimento e projeção de certas “metas” para um futuro – embora se trate de um futuro de curto, ou de curtíssimo prazo. Também se destacam expressões como: aproveitar oportunidades; não buscar vínculos fortes, procurar qualificação, atender a demandas do mercado, adaptar-se ao que o mercado oferece. Pode-se dizer que o trabalhador adequado é o que investe em suas potencialidades, que se reinventa e que é regido por critérios de custo-benefício. Ele também deve ser maleável, ou seja, adequando-se ao ambiente em que se encontra. Modelando-se de acordo com as demandas do mercado, oferecendo-se (como mercadoria) em redes virtuais de comunicação e de busca de emprego.

Finalizando, argumento que são variados e abundantes os textos midiáticos (notícias de jornal, imagens da publicidade, programas de televisão) que, de modo explícito ou não, ensinam como viver neste mundo em contínua mudança, como obter um novo emprego, como investir em si, como manter-se informado. Tais produções não apenas nos apresentam as faces do atual mercado de trabalho, como também vão constituindo certos cenários, apresentando certas soluções, instigando-nos a certas condutas profissionais e pessoais e, deste modo, vão também produzindo identidades.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRGS/FACED, vol.22, n.2, jul./dez.1997.
- GIROUX, Henry. *Atos Impuros. As marcas práticas culturais políticas dos estudos culturais*, Porto Alegre: Artmed, 2003.
- HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.22, n 2, p.15-46, jul./dez. 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 18ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- SCHIMIDT, Sarai. *A educação nas lentes do jornal*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Educação da FACED/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, 13ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe. Sem segredos: Cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: _____(orgs.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 (p.11-52).
- THOMPSON, Kenneth. Estudos Culturais e Educação no mundo contemporâneo. In: Silveira, Rosa M.H. *Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p. 15-38.

VEIGA-NETO, Alfredo; SARAIVA K. A. Modernidade líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. *Educação & Realidade*, v.34, n2, p. 187-201, mai.-ago., 2009.